

Impérios da Comunicação: Do telefone à internet, da AT&T ao Google
(Tim Wu, Editora Zahar, 2012)

Giovanna Oliveira Lima de ABREU¹

A obra *Impérios da Comunicação* não é apenas um apanhado cronológico da história evolutiva das tecnologias e dos meios de comunicação, mas esboça uma teoria engenhosa e, à primeira vista, talvez até questionável de que a indústria da informação oscila entre períodos de posturas abertas e fechadas de uma forma tão típica, inevitável e repetitiva, que chegam a constituir “Ciclos”.

Aquilo que parecia arriscado e incerto, contudo, vai ganhando contornos de acuidade à medida que Tim Wu, professor da Escola de Direito da Universidade de Columbia e conhecido analista das leis de *copyright*², expõe e sustenta suas teses. O autor fala, por exemplo, de como o rádio gerou expectativa e estranhamento. Trata da criação do filme e, posteriormente, da televisão, provando que as invenções de cada época trazem consigo um grau muito próprio de inquietação, pavor, pragmatismo e curiosidade, até que as pessoas se acostumem ou que elas se popularizem. Para Wu, a seu tempo, cada uma dessas inovações parece revolucionária e determinante, gerando, não raro, visões utópicas a respeito de seus impactos. Entretanto, o que ocorre, de fato, é que cada uma dessas inovações acaba por ocupar o seu devido lugar na manutenção da estrutura social, fazendo com que o “Ciclo” se mova. Isto significa que a um período inicial de abertura, democratização e liberdade seguem-se invariavelmente a formação de grandes monopólios da informação. A grande questão posta pelo autor é saber se a internet, apesar de sua estrutura descentralizada, também deixará para trás o seu momento libertário e democrático para ser assimilada por essa dinâmica.

Com linguagem direta e de fácil leitura, visando ratificar suas afirmações, Tim Wu divide *Impérios da Comunicação* em cinco partes que, juntas, somam vinte e um capítulos. A primeira parte, cunhada “A ascensão”, está dividida em seis capítulos, e traça a gênese dos impérios culturais e de comunicações mostrando como as indústrias da informação do fim do século XIX e do início do século XX evoluíram a partir de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB). Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (Gmid / PPGC).

² Leis que tratam do direito à cópia de uma obra, também chamada de Direito de Reprodução. Com foco no objeto do direito (a obra) e na prerrogativa patrimonial de se poder copiar, o *copyright* protege a obra em si, ou seja, o produto, dando ênfase à vertente econômica, à exploração patrimonial das obras através do direito de reprodução.

uma invenção. É o que Wu chama de “a primeira volta do Ciclo”. Para tanto, o escritor contextualiza o período de cada inovação, mostrando a evolução do ciclo industrial dessas tecnologias e abordando a postura dos grandes monopólios da informação. Torna-se, então, claro para o leitor como a telefonia, a transmissão de rádio e de cinema tiveram, na origem, um funcionamento muito mais livre e plural; como aquelas experiências **anárquicas**³ do início do século XX levaram, invariavelmente, todos esses meios de comunicação a um cenário de oligopolização ou, como no caso da telefonia, de um monopólio privado. E isso, graças a uma coalização de forças privadas e estatais.

Ocorre que, quando há corporações-monopólio, é mais fácil para o governo obter informação privada. Afinal, reduz-se consideravelmente o número de fontes. Grandes corporações, sustenta Wu, têm mais intimidade com governos. Trazendo para os dias atuais, se o governo americano, por exemplo, precisar de uma informação sobre alguém, uma opção simples é consultar Facebook. Grandes corporações atuam em diferentes áreas, reunindo, portanto, um enorme banco de dados, e imputando mais um risco ao direito à privacidade. Como se não bastasse, as maiores ameaças à liberdade de expressão vêm de grandes conglomerados, que esticam seus tentáculos, ocupando os mais diversos territórios. Seria simples se entendêssemos que se até o governo separar os seus poderes, o mesmo deve ocorrer na comunicação de massa. É inaceitável que uma mesma empresa transmita, produza e comercialize a informação, visto que o conflito de interesse nesses casos é certo, como o livro claramente retratou no caso da Western Union.

Segue-se, então, à segunda parte do livro. Intitulada “Sob o olho que tudo vê” e disposta em quatro capítulos, essa etapa concentra-se na consolidação do império da informação, como não poderia deixar de ser, apoiada pelo Estado. À época, estavam em voga os conceitos de linguagem e inovação ditados por esse império. Citando Lawrence Lessing, Wu afirma que o mérito individual foi trocado pela busca de um destino novo, corporativo, coletivo e conformista. O apogeu dos pequenos inventores e das vozes alternativas, tão presente nos anos 1920, havia acabado. Uniram-se Estado e Indústria para censurar a expressão e reprimir a criatividade.

Porém, tudo que é centralizado pode também ser alvo de ataques. Constitui-se, então, “a outra metade do Ciclo”, cuja forma pode ser de uma inovação tecnológica,

³ Grifo próprio

rompendo as defesas e transformando-se na base de uma indústria insurgente. Wu acrescenta ainda que, não apenas uma única invenção pode mover o Ciclo, mas um conjunto, ou o próprio governo federal rompe o monopólio da informação com o qual ele havia, inicialmente, compactuado.

Surge, assim, o tema da terceira parte do livro: uma análise das razões pelas quais a força repressiva do monopólio da informação é rompida, apesar de ter se sustentado por tantos anos. “Os rebeldes, os desafiadores e a queda” alicerça-se em um novo período de abertura comercial e cultural. Um respiro trazido por mais uma volta do Ciclo, e desmembrada pelo autor em cinco capítulos. É nessa etapa, aflorando das pequenas rachaduras dos impérios do século XX, que a Internet aparece. Wu traz à cena uma questão dita central: “será que a internet foi de fato diferente, uma verdadeira revolução?”.

Desde o início, a rede preservava o poder e a autonomia de seus idealizadores. Foi projetada para conectar cérebros humanos, mas diferente dos impérios do passado, não tinha controle sobre suas atividades para além de um igualitarismo nascido da necessidade. Era realmente algo inédito na história da humanidade. Tratava-se de uma rede eletrônica de informação independente da estrutura física na qual funcionava. Um sistema que reconhecia e aceitava a autonomia dos integrantes da rede. Era o fim dos sistemas centralizados?

Não é novidade que, inicialmente, a internet era uma rede de textos que só servia para transmissões de mensagens verbais. Uma mídia de massa que não fazia parte da experiência do grande público, chegando apenas aos grandes computadores universitários e às agências governamentais. Tratava-se, portanto, de algo conceitual que necessitava de outro tipo de revolução para chegar às pessoas. Era a oportunidade que faltava para a hegemonia dos monopólios da informação ganhar vida outra vez. “Renascido sem alma”, a parte IV do livro, mostra, em três capítulos, como o antigo conceito de império foi restabelecido. As **novas**⁴ espécies corporativas, agora, chamadas conglomerados, mostraram que os poderes dilacerados reconstituíram-se. O objetivo era, novamente, administrar um sistema integrado e controlar todas as fontes possíveis de receita.

Na primeira década do século XXI, um grupo de conglomerados controlava confortavelmente o cinema, o sistema a cabo e as televisões. Apesar de essa nova ordem

⁴ Grifo próprio

não ser absoluta, a concentração industrial havia alcançado níveis só comparáveis aos dos anos 1950. A única grande exceção desse domínio era a internet, pois, em 2010, ela já havia se tornado uma rede universal para todos os tipos de dados, as ligações telefônicas, os vídeos, as imagens e até a televisão. Tudo era possível diante dessa multifacetada natureza da internet, tornando-a uma ameaça existencial para os conglomerados, que persiste até os dias de hoje. Explica-se, assim, o desejo latente, e muito presente, de colocar a internet em moldes predeterminados ou, pelo menos, deixá-la inofensiva para os principais interesses comerciais desses grandes grupos econômicos.

Conjectura-se, nos três capítulos finais que compõem a quinta parte do livro, a possibilidade de a internet ser o prenúncio de uma abertura industrial perpétua, abolindo de vez o Ciclo, ou, o mais fascinante estandarte da supremacia do império da informação. Da AT&T ao Google, do telefone à internet, o fato é que o autor critica veementemente o aspecto do controle, independente do meio. No caso da Apple, para citar um exemplo bem atual, Wu considera a *iPad* e os *tablets* como TVs portáteis que, em longo prazo, preservariam a velha estrutura de poder de Hollywood, com o conteúdo mais restrito. O Google é outro ponto emblemático. Tim Wu argumenta que a empresa, assim como AT&T ou a Western Union, não respeita o princípio básico da separação, querendo controlar tudo. Inicialmente escondida sobre a capa da “facilidade de acesso”, o Google começou a operar o próprio provedor de internet de fibra ótica, e, posteriormente, abraçou a telefonia, repetindo a postura dos grandes monopólios da informação.

Apesar das ressalvas e de não fazer imposições, Wu defende a tese de que a internet está longe de fixar-se em um padrão estável. Debates como neutralidade de redes, referindo-se, com isso, a posições que mantenham abertos os canais de transporte da informação, guardam uma linha tênue de separação entre a ideia de liberdade de expressão e a deflagração de um novo processo de oligopolização, que poderá criar uma internet bem diferente dessa que conhecemos hoje.

Diante do exposto, conclui-se que o livro de Wu é um valioso instrumento na luta por uma Internet livre, especialmente diante do risco representado pelo grande capital. A verdade é que, ao narrar cem anos de história da comunicação, o autor torna o presente mais claro e ilustra os desafios que enfrentamos como consumidores e cidadãos.